O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

29 DE FEVEREIRO DE 1964
ANO XX — N.º 521 — Preço 1$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

DEIXO o Porto e estou em Leça do Balio. Passo à beira do Mosteiro. O granito amarelecido tem séculos. As pedras falam de tempos idos. O templo de glórias que nos orgulham. Ele apregoa a fé de nossos conterrâneos doutrora, que o ergueram e nele rezaram. Os homens viviam mais unidos naquele tempo. Sentiam necessidade de casa comum para se encontrarem. Mas o templo fez a sua época. Hoje é monumento. Os homens agora encontram-se a viver separados, e, o que é pior, não sentem grande precisão (se é que alguma sentem!) de se encontrarem como filhos de Pai comum. Vamos dar com eles, paredes meias, mas em polos opostos. As barracas andam coladas aos muros floridos de cercas nobres. As tábuas abrigam multidões, tal como o betão armado. Tão perto vivem e tão raro se conhecem os homens!

Ainda estou em Leça. O pátio está aberto a quem passa. Delas, das barracas que nos incomodam, em redor. Baixinhas para serem mais quentes. E escuras, porque sem luz. À direita, com porta de estábulo, cujo postigo é vendado por saco meio roto, a que procuro. As tábuas rangem ao empurrá-las. Faço-o com cuidado, que um colchão aparece-me aos pés. A dimensão interior deste abrigo é pequena. E tudo quanto nele há está no chão. Os Pobres amam o chão mais os trapos. A Pobre de que me falaram está enrolada neles. Do cheiro não falo. Do que ela se alimenta, também não. Digo sòmente que não tem ninguém. Os animais têm dono, por

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Mais uma linda casa do Património dos Pobres da Murtosa.

Por
Padre Horácio

O Júlio pede-me um Património para este número, «pois já há muito que não vem e o fogo não pode deixar de crepitar».

O Júlio tem razão. O fogo não pode extinguir-se. Seria o gelo. O gelo nos corações e nas almas é a morte. A morte é a negação da vida. A vida é a aspiração do homem. A vida de amor, de fogo, tem de ser a aspiração dos cristãos. Viver sem amor é vegetar. Quem não ama, não vive: vegeta. Quem não ama os outros como a si próprio não é cristão, não ama a Deus; ama-se.

O Património dos Pobres tem sido um fogo do Espírito Santo. Tem consumido almas e vidas no verdadeiro Amor. Tem sido a afirmação da vocação do homem para o que não é terreno, efémero, temporal. o homem tem fome e sede de espírito. Daqui nós percebemos um pouco o que têm sido doze anos de história do Património.

Das muitas que nos chegam aí vai a carta de um pároco que se tem debruçado sobre a sorte dos irmãos que são seus paroquianos:

«Desejava falar ou expor dois casos:

1) — Família muito pobre, 3 filhos vivos e 2 falecidos. Vive numa pobre e reles casa de que pagam 350$00 por ano, que o dono abandona para os forçar a sair, pois com o tempo a casa tornou-se inabitável. Já lhes lá nasceu um filho que com o resfriamento, ou doença contraída pelo frio, logo morreu.

Este ano atrasou-se na renda e o dono logo pôs a questão num advogado. Quando tive conhecimento da questão arranjaram-se os 350$00, mas o dono não quer receber e o advogado também não.

Precisamos de lhe fazer uma casinha, embora pobre, será possível uma ajuda?

2) — É pedreiro. Vive do salário. Tudo compra. Não tem terras. Forçado pelas circunstâncias e em momento de optimismo resolveu fazer uma casa e fez. Pediu dinheiro no banco e a particulares. Agora os particulares apertam-no e o juro do banco é certo.

Está arrependido de se ter metido com a casa. Será possível uma ajuda?»

Há dias, logo manhãzinha, telefona um aluno de medicina da Universidade de Coimbra. Queria muito falar-me, mas deu o recado ao telefone. Os alunos do primeiro ano estavam todos unidos e decididos a fazer alguma coisa pela habitação dos Pobres. Tinham dado uma volta pelos arrabaldes da cidade e viram muita coisa e entre elas uma família de dez filhos que passou todo o inverno debaixo de uma tenda à beira do rio.

Estes jovens querem orientação e terreno. Têm vontade e braços. Disse-lhes das dificuldades do terreno e argumentei, quando me disseram havia à volta da cidade bons terrenos: quem os tem, geralmente, tem casa boa e basta-lhes. «Infelizmente é assim», respondeu a voz que me falava.

Estes rapazes e estas raparigas, àmanhã os médicos da nação, quanto não poderão fa-

Continua na 3.ª pág.

Festas

Mesmo a horas de anunciar a data da nossa Festa no Coliseu, chegam notícias de Aveiro. É o Trindade, de Miranda, ali a prestar serviço no Exército: «Pelo que acabo de ler, Aveiro não figura nas cidades que este ano podem contar com a nossa Festa». Quem disse que não? Nós não queremos ir adiante de ninguém! «Como Aveirense que sou, lastimo muito. Lastimo ainda porque muitas pessoas, em elevado número, quantas me sabem gaiato, me têm perguntado com ansiedade, quando é que os Gaiatos cá voltam ao Aveirense».

Ainda bem. Nós queremos e gostamos ser desejados.

«O ano passado, como em outras cidades, Aveiro correspondeu inteiramente e constitui uma promessa para os anos seguintes. Creio bem que como Aveiro em nenhum lado fomos tão festejados; nós que tínhamos ido fazer festa. Sobretudo nunca rodeados de tamanha amizade». Continua fazendo votos para que a ideia vá àvante, na certeza de que os amigos de sempre não faltarão a abraçá-la, a aplaudi-la, a colaborar para que ela seja mais um êxito.

Sim senhor, vamos a Aveiro. A Braga, também.

E a Viana do Castelo e a Guimarães?

O Coliseu está definitivamente marcado para 16 de Abril, à noite. Das outras contamos dizer no próximo número do **Famoso**.

Padre José Maria

Cantinho de MALANJE

Por PADRE TELMO

Já moramos no Culamuxito. As nossas casas pequeninas de chão de cimento, paredes de tijolo e adobos, telhas enegrecidas por antigas fogueiras, foram reparadas por nós com tanto carinho que é um regalo viver nelas. De dia, a nossa lagoa oferece-as reflectidas com tanta serenidade... À noite, é o tapete de silêncio, bordado com guisos de sapos e pios distantes.

Celebramos missa debaixo dum copado em túnel.

Tomamos as refeições à sombra duma árvore; e à noite, aconchegados à fogueira. Cada um toma o seu prato e se serve do próprio tacho onde o comer foi feito.

* * *

Germinaram as sementes que a Firma Santos Pinto nos ofereceu. Vamos ter frutos.

Oferecer uma semente é uma prova de confiança. Lançá-la à terra é a resposta. E mais: Nutre, germina o Amor.

* * *

Tratei o Miguel — mais velho do que eu — por tu. «Deixa ver a catana» (pessoa inferior). Ficou a pesar-me... e na próxima: «Sr. Miguel, por favor». «Ó! obrigado», respondeu.

Nem Miguel... lado a lado! Contemplemos com amor a terra imensa que Deus criou, não para raças, mas para os homens. Para o Homem.

* * *

Vieram de longe, atravessaram a cidade e bateram à nossa porta a pedirem trabalho. Vimos. Demos pão e trabalho.

«Eles mentem». Às vezes, sim. Procuremos partir da sua própria mentira. O alicerce para a elevação do indígena é ele mesmo... e nunca a nossa própria mentalidade.

Se quisermos fazer conforme nós, sai tudo torto — trepadeira feroz que prende em vez de libertar.

* * *

Deram-nos:

Uma Conferência Vicentina, 500; funcionários do Banco de Angola, 600; uma menina «para os gaiatos», 20; Silvina Rosa, 250 e seu filho 10; num envelope dirigido «à Obra da Rua», 300; roupas e calçado dados em segredo — o Pai do Céu sabe e apontou; do Sr. Governador, 1.750 e muito carinho; mais roupas dum senhor que não disse o nome; pelo Sr. P.e Mafra, 1.600 dum grupo de alunos do Liceu Camões.

* * *

A primeira pedra da nossa Aldeia lá está no lugar onde será o cruzeiro. Cabe à sua volta muito amor traduzido em telhas, pedras, vigas e cimento... A vossa pequena oferta para que a primeira casa comece a nascer.

Começa tu... já... com uma migalhinha.

A sementeira da batata, no Culamuxito.

Mais uma perspectiva dos trabalhos agrícolas na Casa do Gaiato de Malanje — o desbravamento do bananal.

BENGUELA

Por Padre Manuel António

Diálogo na rua

Foi no Lobito. Já não sei dizer as horas que eram. De saca a tiracolo e pé ligeiro, passa um garoto junto de mim. A batina branca chama-lhe a atenção. Abeira-se. Pede a mão e dá-lhe um beijo. Outros passam ao lado, grandes e pequenos. Este parou.

Conversámos. Os olhos dele fixaram-se nos meus. Sua voz tinha tanto de suave, como de serenidade o seu rosto. Não passava dos oito anos.

— Donde vens? E os teus pais? Mal sabia eu o drama que ia naquela alma!

— Minha mãe é costureira. Não fala no pai. Mas não resisti. E o teu pai? Baixou os olhos...

Compreendi.

E os olhos não mais se levantaram. Foi-se embora. Eu fiquei à esquina daquela rua. O movimento era grande. Carros e mais carros. Pessoas apressadas aviavam seus recados ou faziam suas compras. Ninguém reparava naquele pequeno. Ignoravam o que se passava dentro dele. Desapareceu no meio do bulício da cidade.

No entanto, sua imagem ficou gravada na retina dos meus olhos. Suas últimas palavras abriram ferida no meu coração.

E, em grupos, continuavam a passar diante de mim. Comecei a ter medo de dialogar com eles. Não queria fazê-los sofrer. Apeteceu-me, sim, correr atrás do outro e perguntar-lhe se queria um pai «que lhe ligasse» e uma casa de família para viver.

E vi passar, como no ecran, os 60 que ora são meus. E pareceu-me ouvir de muitos deles a mesma resposta...

Só um coração de pedra poderá ficar insensível. Um coração de carne, não.

Estamos habituados a lidar com a miséria. Topamo-la a cada passo. Mais, vamos ao encontro dela. Apesar disso não conseguimos ficar insensíveis. Doi-nos. O sofrimento comunica-se-nos. Sentimos a dor dos que sofrem, como a alegria dos que são felizes.

Entra também neste círculo.

CALVÁRIO

Continuação da 1.ª página

via de regra. As refeições daqueles são reguladas e os criados não as omitem. Esta Pobre não tem ninguém. Ai que se ela fosse excepção à regra! Mas quantos como ela não amam os trapos que os cobrem em lugares solitários!

— Mandaram-na embora do Hospital. Não tinham mais nada a fazer. — Diz uma voz atrás de mim.

— Deixe, que não fica aqui, — respondo-lhe.

É o paradoxo. Por toda a parte parece-nos ver, e vemos realmente, interesse pelo homem e empenho grande em defendê-lo. As instituições em prol do mesmo homem multiplicam-se hoje em dia. Mas quando nada mais há a fazer pelo homem, porque se esbarra com o impossível na ciência humana, ou porque seria inglório o labor a dispender, voltam-se as costas (e isto seria o menos!) deita-se fora o mesmo homem. Não será apenas vaidade pelo trabalho ou orgulho pelo resultado o fim com que se age? Pois quando nada pode resultar, nada se faz tanta vez. É que o nosso século ainda não descobriu o Homem, por causa de quem tudo vale a pena.

Esteve entre nós, há dias, jornalista da capital. Veio ver isto, e viu e estremeceu com o que viu e chorou. E ao sair declara: — «Sou profissional vai em 34 anos. Pois nunca! Nunca reportagem alguma me impressionou desta maneira. Nunca supus que o Homem merecesse tanto. Valesse a pena tanto por via dele». E eu respondo-lhe: — É que o senhor ainda não tinha feito a descoberta do Homem. Do Homem por quem Cristo deu a vida.

PADRE BAPTISTA

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

ORDINS

Pegas n'«O Gaiato», e lês. O quê?

Ai que o jornal é uma tribuna, onde a Verdade, e só Ela, se deve anunciar.

Pois o «Famoso» não sabe falar-te senão nessa linguagem, que tu e todos entendem.

Sei que não ignoras isto mesmo: lembro-o tão sòmente para que, cada vez mais e melhor, o entendas, e não fiques surdo à sua voz. Não é lícito exigir sempre?

Vinha isto a propósito do que ouves dizer sobre Ordins — este lugar da freguesia de Lagares.

A propósito, lembro-te (ou é recordação?) o interesse de Pai Américo por Ordins: «P.e Aires construa um Centro de Assistência».

A casa levantou-se, e, como por toda a parte, fez florir, à volta, a flor bendita da Caridade, que vê o próprio Jesus Cristo na pessoa do nosso semelhante, ainda que em retrato muito apagado, mas sempre vivo. E, então, levantam-se casas, outras se arranjam, procuram-se empregos, cuida-se dos doentes, dá-se assistência material e espiritual... com a ajuda da abençoada e providencial Obra da Rua, que o mundo inteiro tão bem conhece, e que tanto aprecia. Mas, porque é obra de todos — a Caridade não exclui ninguém — de todos precisa. Quem é que pode dar se primeiro não recebeu?

Amigo, lembra-te sempre de Ordins.

Há casas a fazer, a arranjar... Caridade que é preciso praticar. Nós não descansamos, mesmo agora, que trabalhamos especialmente para quando voltar o inverno.

Não te esqueças também de nós. Precisamos de muita lã, roupas usadas, tiras, um relógio de parede... sei lá eu de que mais.

P.e Vieira

Visado pela Comissão de Censura

Diálogo

— Senhor Padre, queria falar-lhe numa coisa.

— Então diz lá.

— Sabe, quando cheguei à minha terra aconteceu o que eu esperava: a minha mãe anda com outro no ventre.

— E...

— É que já somos oito e a minha mãe não há maneira de ter juizo. Quando o meu irmão Rola veio para cá, ela prometeu-me que não voltaria a cair. E depois disso, já são mais dois. Agora pede-me para eu meter cá outro, o meu irmão Quim. Se o senhor Padre pudesse...

— Ó Campanera bem sabes como temos sempre imensa dificuldade. São tantos os que já esperam.

— Pois é, mas ele assim vai pelo mesmo caminho da minha irmã. A minha mãe não faz o comer para os meus irmãos por andar a ganhar o dia. O Quim é que toma conta dos outros dois e agora mais este. Depois não vai à escola. Como a minha irmã, que já tem dezasseis anos, e está a servir no Porto!

— Ah tens uma irmã no Porto!?

— Pois tenho. Há um rapaz de 19 anos, a marçano no Porto. E um cliente pediu-lhe uma criada. Ele chegou à terra e a minha mãe deixou-a ir, na companhia dele. O senhor Padre já vê. Um rapaz de dezanove, com uma de dezasseis, sòzinhos na cidade... Eu não quero que ela vá pelo caminho da minha mãe!

— De facto é muito perigoso. E difícil evitar.

— Se o senhor Padre me deixasse ir vê-la, para eu saber como ela anda...

— Está bem. Podes ir ao Porto qualquer dia e vê se lhe falas. É tua irmã.

— Mas o meu irmão? Lá na terra insistiram comigo para eu pedir. Até me perguntaram se eu cá na Casa tenho bom comportamento. E eu disse que sim; tive um período em que cada um tem as suas faltas, mas agora não. «Então vê lá, disseram; fala ao coração do senhor Padre e depois escreve para cá—a dizer que sim. Lembra-te que é mais um que sai da lama. Nós vamos lá levá-lo. Ele aparece lá, mas não é pela mão da tua mãe»!

— Eu compreendo que todos queiram ajudar o teu irmão. Mas olha, isso não resolve o problema da tua mãe. Na medida em que ela vai ficando livre dos filhos, mais fácil lhe é cair.

— Mas ela, com um que ainda não anda e prestes a ter outro, acha que cairá outra vez? A brutalidade é de quem abusa dela. Abusa dela, não lhe cria os filhos e ardeu! Eu já estive para escrever ao meu pai, mas ele não me conhece e eu até tenho vergonha de ir ter com ele.

— O problema da tua mãe, meu caro, parece-me que não é só nenhum homem não tomar a seu cargo os filhos que tem dela; é, também, que os filhos não lhe custam a criar.

— Pois é. Mas eu apesar de nunca ter tido o amor de mãe, porque foi o meu avô que me criou, queria ajudá-la, porque é minha mãe!

— Olha, para já, não te vou dizer que sim. Quantos casos como o de teus irmãos!

Mas digo aos nossos Leitores que no drama que tu vives, temos para meditação séria três problemas graves. Primeiro: a situação injusta de tantos filhos ilegítimos vítimas inocentes. Segundo: o maior— abandono covarde e até impune da mãe e dos filhos ilegítimos à caridade pública, a maior parte das vezes por gente de algo.

— Pois o meu pai dizem que até tem dois automóveis...

—Terceiro: como o problema da tua irmã, o problema de tantas raparigas abandonadas que, no fim de contas, constituem um círculo vicioso na roda da vida. Abandonadas, que geram abandonados! Felizes daqueles que, como tu, encontraram a salvação!

Fausto e P.e José Maria

Os miseráveis não pagam coisa alguma; os ricos pagam menos; os pobres pagam sempre mais. Quem pretender fazer uma obra tem que tirar e pagar as respectivas licenças. Compreende-se. O Estado tem que arrecadar receitas para satisfazer despesas. As obras, mesmo particulares, exigem a intervenção de funcionários. Alguém lhes há-de pagar. Se Deus nos ajudar, nós nunca seremos daqueles que estão sempre prontos para pedirem mil e um benefícios às autoridades e, ao mesmo tempo, procuram fugir aos impostos. Não é uma atitude inteligente, justa. Quando os Auto-Construtores se organizam em equipas de seis, oito, dez ou doze e se resolvem a fazer seis, oito, dez ou doze moradias precisam de tirar as necessárias licenças nas Câmaras Municipais. Não esquecer que se trata de gente que, fora desta organização, não faria as suas vivendas. Estas licenças passadas a Auto-Construção e não aos Auto-Construtores — as casas só serão deles quando todas as do grupo estiverem concluídas — deverão custar dinheiro ou deveriam ser gratuitas? Por princípio desagradam-nos os privilégios. De certeza a grande maioria dos leitores que têm acompanhado Auto-Construção, através deste jornal, responde imediatamente que deveriam ser gratuitas. Mas estes problemas não são assim tão fáceis. O erro do privilégio é quase sempre deseducativo. Não queria que os Auto-Construtores se pudessem julgar privilegiados. Em vez de lutar para não pagarem, gosto mais de fazer o possível para que elas fossem pagas. Deve ou não Auto-Contrução pagar as licenças camarárias? As autoridades que saibam o que se está a fazer, que resolvam e nós, desde já, nos submetemos. Vamos agora a um caso concreto, muito prático, que se passou e não devia ser como foi. Auto-Construção pediu numa Câmara Municipal do país licença para vinte e seis moradias para vinte e seis Auto-Construtores pobres. Como é da própria essência do movimento, as vinte e seis casas demorarão bastante tempo a construir. Pediu-se o prazo de três anos. Os terrenos para essas vinte e seis habitações foram oferecidos por dois particulares e as obras não estorvam a via pública. Fizeram-nos as contas e pagámos 10.109$50 (dez mil cento e no-

Continua na 4.ª página

Aqui Lisboa

No outro dia fui prègar a S. João de Brito. O Reverendo Pároco, meu Prior nos tempos em que frequentava a Universidade, abriu-me as portas da igreja e o seu coração de oiro, em que os Pobres e desprotegidos têm um lugar àparte. Os fieis acolheram-me com carinho e tenho a certeza que a Paróquia ficou mais rica.

Ao findar a Missa das 13 h., aguardava-me à porta um dos nossos antigos rapazes, que foi de Setúbal, de Miranda e, finalmente, de Paço de Sousa. Daqui saíu, se a memória não me falha, há pouco mais de um ano, levado por miragens de vida fácil, que lhe havia sido prometida por alguém de família.

Fiquei emocionado ao encontro do Santana. Se me alegrou profundamente o facto de o ver «marcado», de forma a cumprir ainda o preceito dominical de assistência à Missa, impressionou-me, não menos, o ar magro, o corpo esquálido e o aspecto andrajoso do seu porte. Conversámos ligeiramente e fiquei a saber das suas privações e dificuldades. O Santana quer voltar para nossas Casas. À despedida, dei-lhe um abraço apertado, a traduzir o que me ia por dentro.

Não é caso ímpar o apontado, pois, tem sido, desde os primeiros tempos, um grande óbice à formação e aproveitamento de muitos. Mal o Rapaz tem o exame de instrução primária, familiares que, não raras vezes, nada quiseram saber das pequenas crianças, logo aparecem «sereias» encantadoras, prometendo e contando maravilhas, visando, com frequência, meros intuitos de exploração das suas escassas possibilidades de trabalho.

No mês passado desloquei-me a Miranda. Na véspera tinha cá estado o pai de dois dos nossos, embriagado como sempre, sofrendo de paralisia parcial, talvez provocada pelo excesso de álcool, já que o «delirium-tremens» é evidente. Queria levar o mais vèlhinho dos filhos, de 14 anos de idade e há quase 5 em nossa Casa, onde começou a frequentar a escola. Que lhe ia arranjar ou havia arranjado emprego...

Como havia previsto, o «Rock», durante a minha ausência, fugiu, para ir residir (?) com o pai numa barraca e trabalhar numa casa de pasto...

Tem-me feito sofrer esta fuga. Que vai ser do «Rock»? Enquanto quem pode decidir não se pronuncia, tenho de me limitar a penar. A lei, para casos como estes, em que é nítida a incapacidade física e moral do único progenitor vivo — a Mãe morreu no hospital, quando o pai estava preso e deixou 8 crianças numa barraca — devia facilitar, em processo sumário, toda a acção de inibição do poder paternal, desde que posta por entidade idónea. Doutro modo, é desperdiçar trabalho e energias, quando não é total o malogro, pelo menos, humanamente falando.

P. S.. Não há para aí nenhuma Senhora que queira sofrer as dores, da entrega ao serviço, por amor de Deus, dos nossos Rapazes? A vida é dura e muitas as incompreensões; único prémio: a eternidade.

PADRE LUIZ

Património dos Pobres

Continuação da 1.ª página

zer pelos Pobres que encontrarem na sua missão, se agora forem formados a amar!

No mesmo dia telefonou um sacerdote jovem, embora já homem feito na vida, a marcar um encontro. Na sua região, a Bairrada, é necessário trabalhar muito, a começar pelos Pobres. Num dia de chuva havia encontrado um homem doente numa enxerga e só um resto de coberta por cima, num canto das ruínas duma casa. E há mais casos assim.

Não deu alarme, mas na vila o caso foi conhecido. Levantou almas, abriram-se corações que encorajaram aquele sacerdote que não quer barreiras à acção e amor de Cristo.

Os homens da Conferência de S. Vicente de Paulo de Leiria andam a acabar mais uma.

Os da Figueira da Foz têm mais duas prontas.

O pároco de Castanheira de Pera anda com a sua gente a preparar uma festa grandiosa da terra e não quer que falte a alegria aos Pobres.

Figueiró dos Vinhos parece que vai arrancar.

Há muitos fogos acesos.

É necessário que este fogo divino se propague a todas as terras onde haja almas e vidas sequiosas dele.

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

29 DE FEVEREIRO DE 1964
ANO XX — N.º 521 — Preço 1$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

DEIXO o Porto e estou em Leça do Balio. Passo à beira do Mosteiro. O granito amarelecido tem séculos. As pedras falam de tempos idos. O templo de glórias que nos orgulham. Ele apregoa a fé de nossos conterrâneos doutrora, que o ergueram e nele rezaram. Os homens viviam mais unidos naquele tempo. Sentiam necessidade de casa comum para se encontrarem. Mas o templo fez a sua época. Hoje é monumento. Os homens agora encontram-se a viver separados, e, o que é pior, não sentem grande precisão (se é que alguma sentem!) de se encontrarem como filhos de Pai comum. Vamos dar com eles, paredes meias, mas em polos opostos. As barracas andam coladas aos muros floridos de cercas nobres. As tábuas abrigam multidões, tal como o betão armado. Tão perto vivem e tão raro se conhecem os homens!

Ainda estou em Leça. O pátio está aberto a quem passa. Delas, das barracas que nos incomodam, em redor. Baixinhas para serem mais quentes. E escuras, porque sem luz. À direita, com porta de estábulo, cujo postigo é vendado por saco meio roto, a que procuro. As tábuas rangem ao empurrá-las. Faço-o com cuidado, que um colchão aparece-me aos pés. A dimensão interior deste abrigo é pequena. E tudo quanto nele há está no chão. Os Pobres amam o chão mais os trapos. A Pobre de que me falaram está enrolada neles. Do cheiro não falo. Do que ela se alimenta, também não. Digo sòmente que não tem ninguém. Os animais têm dono, por

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Mais uma linda casa do Património dos Pobres da Murtosa.

Por
Padre Horácio

O Júlio pede-me um Património para este número, «pois já há muito que não vem e o fogo não pode deixar de crepitar».

O Júlio tem razão. O fogo não pode extinguir-se. Seria o gelo. O gelo nos corações e nas almas é a morte. A morte é a negação da vida. A vida é a aspiração do homem. A vida de amor, de fogo, tem de ser a aspiração dos cristãos. Viver sem amor é vegetar. Quem não ama, não vive: vegeta. Quem não ama os outros como a si próprio não é cristão, não ama a Deus; ama-se.

O Património dos Pobres tem sido um fogo do Espírito Santo. Tem consumido almas e vidas no verdadeiro Amor. Tem sido a afirmação da vocação do homem para o que não é terreno, efémero, temporal. o homem tem fome e sede de espírito. Daqui nós percebemos um pouco o que têm sido doze anos de história do Património.

Das muitas que nos chegam aí vai a carta de um pároco que se tem debruçado sobre a sorte dos irmãos que são seus paroquianos:

«Desejava falar ou expor dois casos:

1) — Família muito pobre, 3 filhos vivos e 2 falecidos. Vive numa pobre e reles casa de que pagam 350$00 por ano, que o dono abandona para os forçar a sair, pois com o tempo a casa tornou-se inabitável. Já lhes lá nasceu um filho que com o resfriamento, ou doença contraída pelo frio, logo morreu.

Este ano atrasou-se na renda e o dono logo pôs a questão num advogado. Quando tive conhecimento da questão arranjaram-se os 350$00, mas o dono não quer receber e o advogado também não.

Precisamos de lhe fazer uma casinha, embora pobre, será possível uma ajuda?

2) — É pedreiro. Vive do salário. Tudo compra. Não tem terras. Forçado pelas circunstâncias e em momento de optimismo resolveu fazer uma casa e fez. Pediu dinheiro no banco e a particulares. Agora os particulares apertam-no e o juro do banco é certo.

Está arrependido de se ter metido com a casa. Será possível uma ajuda?»

Há dias, logo manhãzinha, telefona um aluno de medicina da Universidade de Coimbra. Queria muito falar-me, mas deu o recado ao telefone. Os alunos do primeiro ano estavam todos unidos e decididos a fazer alguma coisa pela habitação dos Pobres. Tinham dado uma volta pelos arrabaldes da cidade e viram muita coisa e entre elas uma família de dez filhos que passou todo o inverno debaixo de uma tenda à beira do rio.

Estes jovens querem orientação e terreno. Têm vontade e braços. Disse-lhes das dificuldades do terreno e argumentei, quando me disseram havia à volta da cidade bons terrenos: quem os tem, geralmente, tem casa boa e basta-lhes. «Infelizmente é assim», respondeu a voz que me falava.

Estes rapazes e estas raparigas, àmanhã os médicos da nação, quanto não poderão fa-

Continua na 3.ª pág.

Festas

Mesmo a horas de anunciar a data da nossa Festa no Coliseu, chegam notícias de Aveiro. É o Trindade, de Miranda, ali a prestar serviço no Exército: «Pelo que acabo de ler, Aveiro não figura nas cidades que este ano podem contar com a nossa Festa». Quem disse que não? Nós não queremos ir adiante de ninguém! «Como Aveirense que sou, lastimo muito. Lastimo ainda porque muitas pessoas, em elevado número, quantas me sabem gaiato, me têm perguntado com ansiedade, quando é que os Gaiatos cá voltam ao Aveirense».

Ainda bem. Nós queremos e gostamos ser desejados.

«O ano passado, como em outras cidades, Aveiro correspondeu inteiramente e constitui uma promessa para os anos seguintes. Creio bem que como Aveiro em nenhum lado fomos tão festejados; nós que tínhamos ido fazer festa. Sobretudo nunca rodeados de tamanha amizade». Continua fazendo votos para que a ideia vá àvante, na certeza de que os amigos de sempre não faltarão a abraçá-la, a aplaudi-la, a colaborar para que ela seja mais um êxito.

Sim senhor, vamos a Aveiro. A Braga, também.

E a Viana do Castelo e a Guimarães?

O Coliseu está definitivamente marcado para 16 de Abril, à noite. Das outras contamos dizer no próximo número do **Famoso**.

Padre José Maria